

## **O Socialismo Interespécies (ou o cosmopolitismo doméstico): como o convívio urbano com os quiltros caninos renova e torna possível a política chilena?**

Interspecies Socialism (or domestic cosmopolitanism): how does urban coexistence with canine *quiltros* renew and make Chilean politics possible?

Arthur Arruda Leal Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é discutir aspectos epistêmicos, estratégicos e, principalmente, políticos na relação entre humanos e cães nas cidades chilenas. O trabalho será iniciado discutindo aspectos específicos do que propomos chamar de metodologia *quiltro*, uma linha de investigação desenvolvida a partir da encruzilhada entre a etnografia e etogramas etológicos. Em seguida, serão discutidos os modos de composição coletiva envolvidos nos processos estudados, bem como a própria fronteira entre homem e animal no campo da política. Depois, serão abordadas as três fases da pesquisa (antes das manifestações de 2019/2020 no Chile, durante e após estas). Por fim, mantendo o tom político do artigo, este será concluído na forma de um manifesto.

**Palavras-chave:** Relações Interespécies; Política; Formas de socialismo; Cães de rua chilenos; Quiltros.

---

**ABSTRACT:** The aim of this work is to discuss epistemic, strategic, and, above all, political aspects of the relationship between humans and dogs in Chilean cities. The work will begin by discussing specific aspects of what we propose to call the *quiltro* methodology, a line of investigation developed from the intersection between ethnography and ethological ethograms. Next, the modes of collective composition involved in the processes studied will be discussed, as well as the boundary between man and animal in the field of politics. Then, the three phases of the research will be addressed (before the 2019/2020 demonstrations in Chile, during them, and after them). Finally, maintaining the political tone of the article, it will conclude in the form of a manifesto.

**Key-words:** Interspecies Relations; Politics; Forms of Socialism; Chilean Stray Dogs; Quiltros.

---

DOI: 10.12957/mnemosine.2025.97484

Dedicado a Magali, grande companheira *quiltro* que, em sua curta passagem nesse planeta, nos ensinou a não levar as fronteiras tão a sério, sempre com humor e rabo abanando... E a Milena Pedrosa por todo apoio e revisão carinhosa do texto.

Em muitos países como o Brasil, pelo menos em grandes centros urbanos, os cães vira-latas estão se tornando cada vez mais uma espécie em franca desapareição; é como se a existência de cães fosse possível apenas como animal doméstico (ou pet) e propriedade de um ser humano e vinculada à posse responsável. Restam algumas matilhas em periferias e em algumas comunidades, além de universidades. E, além destes, restariam os cães que acompanham populações de rua em grandes cidades, o que confirma de alguma forma a perspectiva de seu estatuto como propriedade<sup>1</sup>.

No entanto, no Chile (e em algumas cidades do oeste da Argentina), há uma singularidade que já foi descrita por viajantes como David Byrne (2011): a existência dos cães nas cidades nesta parte do planeta não está referida apenas a proprietários particulares, mas também é perceptível como parte singular das cidades. Nesses casos, se eles não são animais domésticos, qual é o status deles como espécie (são animais domésticos de outra especificidade, animais selvagens ou pragas)? Qual é a sua situação em relação a esse espaço supostamente próprio da ecologia humana, isto é, cidades? Que formas singulares esses animais apresentam diante outros canídeos (selvagens e domésticos)? O objetivo deste trabalho é discutir aspectos epistêmicos, estratégicos e, principalmente, políticos, baseados em pesquisas em curso sobre a associação entre cães, humanos em cidades e em instâncias específicas, como manifestações e, a partir dessas descrições, refletir sobre a forma de composição recíproca gerada por práticas de domesticação diversas e singulares. Começarei discutindo aspectos específicos do que propomos chamar de metodologia *quiltra*<sup>2</sup>, uma linha de investigação que desenvolvo a partir da encruzilhada entre a etnografia e etogramas etológicos. Em seguida, discuto os modos de composição coletiva envolvidos nos processos estudados, bem como a própria fronteira entre homem e animal no campo da política. Depois, abordarei as três fases da pesquisa (antes das manifestações de 2019/2020 no Chile<sup>3</sup>, durante e após estas). Por fim, mantendo o tom político do artigo, pretendo concluir vinculando este texto a uma atualização das discussões genealógicas e fechar na forma de um manifesto.

---

<sup>1</sup> Nas cidades médias ou pequenas no Brasil esta situação é diferente. Por exemplo, em Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro, especialmente após as grandes inundações como as de 2022, é possível observar a formação de algumas matilhas, especialmente por cães desgarrados das suas comunidades após a destruição de certas regiões.

<sup>2</sup> *Quiltro* é a designação chilena de origem mapuche para cachorros de rua ou vira-latas. Hoje em dia, especialmente após a aplicação da Lei Cholito para guarda responsável de animais (Ministerio de Salud, 2017), estes animais são denominados muitas vezes de comunitários, visando um enquadramento legal da sua relação com os humanos.

<sup>3</sup> As manifestações de 2019/2020 no Chile são chamadas de *estallido* social e implicaram em uma tomada das ruas em boa parte das cidades médias e grandes do Chile. Mais adiante, na parte relativa ao segundo momento da pesquisa detalharei alguns aspectos deste amplo movimento coletivo, interrompido apenas pela pandemia da Covid 19.

### **Estratégias quiltras**

Gostaria de começar especificando algumas marcas estratégicas desta pesquisa em curso. E o aspecto mais básico que se pode afirmar é que esta pesquisa não teve qualquer planejamento anterior; não foi proposta a nenhuma instância de financiamento, como CAPES, CNPq ou instância similar. E igualmente não teve um plano de trabalho predefinido. Mais claramente, esta pesquisa foi desencadeada por esse encontro único com cães quiltras nas cidades chilenas, a partir de uma perspectiva estrangeira e sem nenhum programa de pesquisa inicial. E assim continua em sua abertura por meio de inscrições geradas por vários encontros, diretos ou por pistas que me chegam por relatos ou registros de colaboradores. Para esta pesquisa, jamais houve cronograma ou plano de execução planejados anteriormente; ela segue seu curso através de formas de curiosidade que tem surgido em encontros com os quiltras na cidade e por materiais compartilhados por parceiras e parceiros motivados pela mesma curiosidade. Nesse sentido, podemos dizer que é uma investigação errante, no modo *flaneur* (Baudelaire, 1995; Benjamin, 1997). A partir daí, uma questão geral se coloca: até que ponto nossas investigações são execuções de planos com desenhos metodológicos previamente estabelecidos e até que ponto eles incorporam aberturas que podem nos levar a configurações inesperadas?

Mesmo acolhendo uma marca de indeterminação e imprevisibilidade no estabelecimento desta pesquisa, é possível destacar aspectos mais estratégicos usados aqui em seu desenvolvimento: quais operações específicas, qual praxiografia (Mol, 2002) pode ser destacada neste trabalho em sua execução? É possível dizer que, em homenagem aos vira-latas (quiltras), tentamos seguir uma estratégia metodológica que poderia ser denominada de *quiltra*. Não apenas no aspecto *flaneur* e não planejado da pesquisa, mas porque as estratégias de pesquisa aqui operadas são impuras, produzidas no cruzamento de abordagens específicas de áreas como etnologia e etologia

De modo mais específico, esta abordagem fronteiriça põe em questão as delimitações estabelecidas entre certas regiões de conhecimento: a etnologia, centrada na diversidade de culturas e etologia, focada na investigação dos padrões inatos da espécie. Mas aqui, ao invés de discutir fronteiras (Haraway, 1988) ou a constituição moderna que coloca em diferentes domínios entidades humanas e não humanas (Latour, 1994), procuro questões e práticas paralelas na etnografia e na produção de etogramas (feitas na observação natural dos animais em situação de campo)<sup>4</sup>. As duas abordagens trabalham com questões referentes à observação

---

<sup>4</sup> Uma boa referência para os etogramas pode ser encontrada nos livros de Tinbergen (1972) e Eibl-Eibesfeldt (1979). Basicamente, etogramas são representações esquemáticas dos padrões de ação dos animais.

e à interação em campo, com a possível ajuda de um caderno ou registro de campo. Como trabalho de campo, demarcam-se questões que se referem ao limite de objetividade e distância, por um lado, e à interação e identificação com os investigados, por outro. Assim, na etologia, por exemplo, Despret (2005, p. 256) especifica a distinção feita por Lorenz entre dois tipos de etólogos de campo: “o caçador (como Nikolaas Tinbergen) e o criador, como ele (Konrad Lorenz) era. O caçador segue os animais em seu próprio campo e os observa. O criador fica com eles e tenta provê-los com as condições naturais possíveis”. Assim, Lorenz estudou gansos e gralhas através de sua própria criação por interação, levando à identificação do pesquisado com o pesquisador, como se ele fosse uma de sua espécie, através do fenômeno do *imprinting*<sup>5</sup>.

Da mesma forma, a etnografia é estabelecida nesse limite de posições: segundo Goldman (2003), é constitutivo da posição do etnógrafo a busca de uma posição rara em seu trabalho de campo, que não é identificada nem com os nativos nem com o observador distante. Essa delicada posição intermediária também é destacada por Caiafa (2007), que sublinha a escrita etnográfica como localizada entre a empatia com a experiência dos investigados e a objetividade distanciada de um observador não envolvido. Essa posição intermediária (no fio da navalha) também estaria presente em minha situação de viajante freqüente para países de língua espanhola: aqui sempre há uma posição de fronteira na qual se permanece estrangeiro, por maior que seja o tempo no país de destino (o sotaque é um sinal dessa passagem nunca perdida); existe um processo de constante estranhamento no trânsito entre mundos. Trânsito entre mundos que também toca a relação de proximidade e estranhamento com espécies companheiras e cidadãos, como os quiltros que vivem nas cidades. É como se habitar uma cultura ou se aproximar do mundo próprio de uma espécie fosse sempre uma questão de negociação com *imprintings* ou com marcas de identificação anteriores. A distância absoluta jamais seria possível, assim como a identificação completa com o pesquisado.

Mais especificamente, como esses problemas de proximidade e distância operariam nesse campo híbrido? Despret (2017) oferece indicações interessantes ao examinar esta questão no Capítulo *C do Corpo*, onde ela se refere à impossibilidade de neutralidade relatada por Barbara Smuts em sua pesquisa com babuínos. Nesse texto, Despret relata os dilemas dessa pesquisadora: quanto mais ela queria ficar distante, mais se colocava como objeto de

---

<sup>5</sup> O conceito de *imprinting* (ver Tinbergen, 1972 ou Eibl-Eibesfeld, 1979) deriva da etologia e designa a experiência inicial de aves (especialmente estas) e mamíferos em seus primeiros dias, de identificação em termos de sua espécie com aqueles que prestam seus cuidados iniciais.

curiosidade por parte dos babuínos, sem possibilidade de não interagir. De modo singular, somente quando Strum, em uma emergência, teve que urinar na frente destes, sua relação de suposto objeto distante mudou, produzindo surpresa inicial entre estes primatas e, conseqüentemente, formas mais aproximadas e articuladas de relacionamento.

Mas, quanto aos *quiltros*, que abordagens específicas estão sendo possíveis? Para os cães urbanos de rua, a posição exclusiva do caçador distante, comum às observações tradicionais da etologia no campo, é impossível, seja por sua quase onipresença nas cidades ou por sua constante busca pelo contato com seres humanos. Uma eto-etnografia situada, envolvida e aberta à interação constante parece a alternativa mais pertinente. A posição criadora seria a mais indicada: passear com os cães pelas ruas, praças e espaços comuns ou encontrá-los perseguindo carros e, principalmente, em manifestações. Porém, em uma abordagem *quiltra*, haveria espaço para estratégias mais caçadoras, como o uso de fotografias, gravações, histórias de outros observadores e pesquisa de sites ou redes sociais. Todos esses métodos tradicionais, na variação de maior ou menor interação direta, podem ser misturados no melhor modo quiltro, de acordo com as singularidades apontadas pelos entes pesquisados no território das cidades. O único requisito neste agenciamento de estratégias heterogêneas é não fechar a possibilidade de recalitrância<sup>6</sup> e de risco (Latour, 2004), bem como qualquer compromisso estrito com a metafísica euro-americana (Law, 2004) ou com a constituição ocidental moderna (Latour, 1994). Este será o tema da próxima seção, onde discutirei questões relacionadas à excepcionalidade humana em relação à nossa vida coletiva e política.

### **Fronteiras apagadas**

Seguimos aqui por meio de discussões paralelas entre etnologia e etologia, porém, mais do que contribuições metodológicas, estamos interessados nas questões de fronteiras ontológicas entre domínios humanos e não humanos. A etologia, desde a década de 1950, especialmente com Lorenz (1971), pôde propor uma etologia humana onde esta seria não apenas uma abordagem do comportamento humano através de seus padrões inatos (ver Eibl-Eibesfeldt, 1979), mas uma discussão sobre a fronteira entre domínios. Lorenz (1971) não reconhece nenhum salto evolutivo especial na fronteira entre humanos e animais, mas muito mais o acúmulo singular de características que são compartilhadas entre estes:

---

<sup>6</sup> Situação em que as entidades pesquisadas efetivamente problematizam as hipóteses, questões e temas dos pesquisadores num sentido mais ativo. Uma boa referência para este conceito pode ser vista em Latour (1997 e 2004) e Moraes (2011 e 2014).

especialização na não especialização na relação com o ambiente, a extrema curiosidade e a *neotenia* (ou capacidade de manter características corporais ou comportamento dos jovens, como a disposição para o jogar). No entanto, Lorenz atribui essas características como oriundas do processo de domesticação, entendido como um processo perigoso, envolvendo a perda de informações inatas.

Por outro lado, este privilégio descritivo de um mundo humano a parte é posto em questão também por estudos sociais problematizadores, em correntes como a Teoria Ator-Rede e autores como Donna Haraway. Desde os anos 1980 a Teoria Ator-Rede<sup>7</sup> (com Latour e Callon) propõe descrições do social, em que este não é entendido como composto por entidades que seriam exclusivamente humanas. O social, de maneira mais precisa, seria entendido como uma rede ou um agenciamento heterogêneo entre entidades humanas e não humanas onde estas também são atores, ou seja, produzem diferenças em nossos coletivos e nos fazem fazer coisas<sup>8</sup> (Latour, 2008). Essa é uma posição não exclusiva do TAR ou da sociologia das associações: podemos ver em trabalhos como os de Ingold (2000) a proposta de *entanglements*, as propriedades emergentes de humanos e não humanos em interação e as constantes mudanças recíprocas. Os trabalhos de Haraway (2007) trazem outro exemplo de uma problematização radical destas fronteiras modernas; destaco assim sua discussão sobre as espécies companheiras, sua ênfase nas configurações históricas e socialmente localizadas onde nossos modos de conhecimento são produzidos (isso também compartilhado por Ingold e pela TAR) e as implicações políticas destes aspectos que se referem à atenção responsável e uma maneira respeitosa de entrar em contato com os demais seres vivos (conectando as palavras *response* e *responsive* em um jogo etimológico).

Nesse sentido, é importante observar que os modos de conexão com animais e não-humanos, como estabelecido aqui na pesquisa, não são meramente simbólicos, mas “em pessoa”, e o fazemos como Knight propõe (2005, p.1): "Animais como sujeitos e não objetos, [...] animais como parte da sociedade humana e não apenas símbolos dela, e [...] interações e relacionamentos, em oposição a simplesmente representações humanas de animais". Estes estudos sociais, que questionam a fronteira entre homem e animal, conceitual ou descritivamente, em nossas próprias formas de vida coletiva, também encontram espaço entre os autores latino-americanos. Assim, Bevilaqua e Velden (2016) apresentam uma série de ensaios etnográficos escritos por autores brasileiros que sugerem que:

---

<sup>7</sup> A TAR também é definida como a sociologia das associações, reivindicando a herança de uma perspectiva sociológica de Gabriel Tarde e, em oposição a uma sociologia do social, ligada à tradição sociológica predominante de Émile Durkheim. Ver Latour (2008).

<sup>8</sup> O que não implica presença de intencionalidade. Conferir a terceira fonte de incerteza (Latour, 2008).

As diferentes modalidades de trânsito, modulação, circulação e ultrapassagem de fronteiras [...] nos convidam a abraçar a idéia de que a oposição entre humanos e animais merece ser revista, não necessariamente para sua dissolução final, mas para sua implantação em um conjunto de formas flexíveis ..., todos eles efeitos de encontros sempre imprevisíveis e contextuais entre várias formas de vida (p. 37).

### **Por uma política antrozoogenética**

Essas discussões que abordam a vida social numa perspectiva não divisionista e sem qualquer marca da excepcionalidade humana também podem ser projetadas no campo político. Tradicionalmente, todas as estruturas do pensamento político ocidental, de Aristóteles (1954) no século IV AC até Hannah Arendt (1993) em meados do século XX, apontam para o excepcionalismo humano, como um animal político, ou consideram a própria política como uma condição humana. Não apenas por meio das referências destacadas na seção anterior, mas também por meio do trabalho de autoras como Thelma Rowell com ovelhas e Shirley Strum com babuínos (ver Despret 2017) ou ainda autores locais como Soriano, Correa y Ferreira (2023) em seu estudo com as vacas, primatas e cães, as fronteiras políticas entre seres vivos humanos e não humanos estão sendo questionadas. De fato, se pensarmos na política como representação, contrato ou estabelecimento de programas, a política parece ser exclusivamente humana. No entanto, se considerarmos a política como a produção comum de novas formas da vida coletiva, essas fronteiras podem ser revistas. Uma autora de referência neste esforço é Vinciane Despret. Para esta autora, essa produção política de modos de vida interspecíficos comuns seria algo além de uma excepcionalidade ou de uma identidade entre humanos e animais, entendendo-a mais como uma identidade em termos de composição do mundo:

Entre considerá-los como um modelo antropológico e pensá-los a partir da perspectiva da diferença radical — como figuras de inversão — existe uma terceira possibilidade que a obra de Dominique Lestel... propõe que exploremos. O que as comunidades híbridas nos convidam a repensar de cima para baixo é a própria noção de identidade. Não se trata mais de traduzi-la — seja abstratamente, em referência a si mesma, ou igualmente abstratamente por contraste ou analogia — mas de pensar as identidades como formas de vir a ser juntas. Não se trata de buscar referentes universais, mas de explorar em detalhe situações locais e concretas. Não se trata, portanto, de definir identidades — definir, como nos diz a etimologia, é restabelecer limites — mas de explorar expansões de repertórios. Em outras palavras, a etologia e a antropologia têm uma riqueza de coisas e experiências para construir juntas na exploração das maneiras pelas quais o animal se torna humano e o humano se torna animal (Despret, 2006, p. 218).

De modo mais específico, minha proposta é considerar essa produção política de modos de vida interspecíficos comuns como antrozoogênese ou domesticação recíproca,

segundo o conceito proposto por Despret (2004): “Ambos (humanos e animais) transformam a prática que os articula no que podemos chamar de ‘prática de antropozoogênese’, uma prática que constrói o animal e os humanos” (op. cit., p. 122). E não apenas no sentido antropomórfico, mas com transformações recíprocas. A antropozoogênese aponta para um aspecto em duplo sentido da domesticação: 1) não se trata apenas de um processo dirigido pelo ser humano, mas sim de um processo com múltiplas direções, e, além disso, 2) é igualmente positivo, contrariamente às perspectivas etológicas, como a de Lorenz (1971), em que esse processo necessariamente levaria ao declínio do patrimônio genético das espécies. Aqui, temos um processo indeterminado em sua direção (como o processo de deriva genética natural destacado por Maturana e Varela, 1995), mas que produz ordem e se fundamenta na confiança e na abertura à influência recíproca (Despret 2004, pp. 120-125). Retomando o aspecto multidirecional, essas práticas de confiança se identificam com o aprendizado de como ser influenciado: “Mudanças que, em termos de pesquisa, ativam nosso objeto (como os cães por exemplo): “como sujeito, sujeito de paixão, sujeito produtor de paixões; sujeito de perguntas, sujeito produtor de perguntas” (op. cit., p. 131). E, portanto, considerando os animais como atores e autores na pesquisa.

A presença das reflexões desta autora é crucial não apenas pela postulação de conceitos como antropozoogênese ou domesticação recíproca, mas também por questões presentes em seus livros, como: “Quando o Lobo vier a dormir com o Cordeiro” (2002) e “O que os Animais diriam se lhes fizéssemos as Perguntas Certas?” (2017). No primeiro texto, Despret (2002) levanta a questão: “O que os animais fariam se mudássemos suas condições de vida?”. Essa questão foi herdada do autor inglês E. P. Thompson, autor de “As Paixões dos Animais” (1851), que por sua vez se inspirou no profeta Isaías<sup>9</sup>. É possível compreender a pesquisa atual como a interseção dessas questões com as características únicas dos cães de rua urbanos. Essencialmente, a descrição dessa singularidade se baseará na produção de conceitos derivados de encontros enraizados em experiências específicas.

A questão do segundo livro (Despret 2017) é extremamente emblemática da abordagem da autora, e se desdobra em um alfabeto de temas (Artistas, Animais, Corpos, Criminosos, até mesmo Zoofilia), onde o objetivo é sempre destacar a capacidade dos animais em nos surpreender, repensando as questões tradicionais da etologia e da psicologia comparada. Já pode ser visto, por exemplo, como esta autora discute a questão da objetividade

---

<sup>9</sup> Daí o título do livro de Despret: Isaías, XI (6): O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito; o bezerro, o leão e o novilho pastarão juntos, e uma criança os guiará.

no capítulo C de Corpo. Examinemos agora alguns detalhes deste trabalho sobre a construção da vida compartilhada com cães.

**Primeira fase da pesquisa: um socialismo interspecies ou um cosmopolitismo doméstico.**

Como mencionei inicialmente, desenvolvi esta pesquisa sem qualquer planejamento prévio, somente pela curiosidade de observar relações singulares entre humanos e quiltros em áreas urbanas. Num período inicial, entre 2016 e 2019, sintetizei essas observações por meio de um conjunto de conceitos ou pautas que buscavam descrever essas relações singulares. Primeiro, destaco os modos únicos de individuação dos cães: não apenas de personagens célebres do Chile (*Matapacos*, *Chocolate*, *Robaempanadas*, *Cholito* e outros), mas nos múltiplos nomes com que são destacados em suas variadas relações com humanos. Essas variadas formas de relacionamento apontam para um segundo aspecto: os *quiltros* não se apresentam como propriedade de uma pessoa<sup>10</sup>, mas participam por meio de modos mais rizomáticos e variados, de acordo com as formas coletivas que proliferam nas cidades.

Como foi possível definir esses modos coletivos de existência dos *quiltros* nas cidades? Um terceiro aspecto é a natureza cosmopolita de sua presença: em todas as cidades chilenas que visitei (Valparaíso sendo um excelente privilegiado) há um número significativo de *quiltros* ou de rua, especialmente em espaços públicos. Em cidades de outros países latino-americanos (como Brasil ou Argentina), essa presença varia; e por essa razão, contraste essa onipresença nas cidades chilenas como cosmopolita. Mas, como quarta característica, eu definiria esse cosmopolitismo como reciprocamente doméstico ou domesticador. Não apenas no sentido antropozoo genético (Despret, 2004), mas também porque a casa (*domos*) dos *quiltros*, via de regra, é a cidade<sup>11</sup>. Portanto, a quinta característica: sua posição como cidadão. Não apenas por não ser um cachorro da casa (e agora da cidade), mas por leis específicas como a Lei Cholito (Ministério de Salud, 2017). Habitar ruas, praças, ônibus, travessias em cruzamentos, presentes em escolas, cometendo crimes (como *Robaempanadas*), sendo tema de funerais (*Perro Chocolate*) e participando de manifestações (*El Negro Matapacos*); surfando entre carros, lutando, brincando, buscando proteção entre os seres humanos. Aqui, neste convívio, se coloca a questão da confiança e do cuidado (sexto aspecto), onde os cães se apresentam como uma máquina de confiança,

---

<sup>10</sup> Um aspecto muito interessante é o campo da discussão legal sobre animais: Despret e Serge (2009) discutem esse limite em um caso fictício, em que a separação de um casal envolve a guarda de um chimpanzé criado por eles: sua situação legal é de um bem ou de uma pessoa? Parte dessa situação é tocada pelas discussões legais no Chile, onde a Lei Cholito cria a categoria de seres conscientes. O mais interessante é a maneira pela qual essa lei sobre animais pôde ser usada em debates sobre leis humanas, como o aborto.

<sup>11</sup> Em breve destacarei a questão das matilhas nas periferias e áreas selvagens.

exemplificada pela maneira como podemos encontrá-los dormindo em várias partes da cidade, conforme amplamente registrado por mim.

Foto 1: Cão dormindo tranquilamente em um ponto de ônibus em Santiago. Foto do próprio autor.



O cuidado observado não é apenas legal (como na Lei Cholito)<sup>12</sup>, mas cotidiano e de muitos (não necessariamente animalistas ou defensores do cuidado responsável). Existem muitas controvérsias sobre alimentar ou cuidar de cães de rua, mas ainda é possível observar um cuidado distribuído e não meritório ou individualizado. Também é possível observar cotidianamente como os cães buscam companhia humana (uma espécie de carona) para atravessar regiões perigosas para eles.

Foto 2: Alimento e água para os *quiltros* ou cães comunitários. Foto do autor

---

<sup>12</sup> No início de 2019, esta lei foi utilizada na realização de um amplo campo de registro sobre os animais domésticos a partir da obrigação da instalação de chips nestes. Este processo ativou várias controvérsias vinculadas, por exemplo, ao valor do registro e categorização dos *quiltros*, que em muitas localidades acabaram recebendo a designação de cães comunitários.



E, da mesma maneira, eles se estabelecem em uma posição de defesa a grupos humanos quando entram nas mais diversas manifestações. Já em 2011, por conta das manifestações estudantis secundaristas (o movimento dos *Pinguinos*), se destacou o caso do *Negro Matapacos*<sup>13</sup>. Em observações entre 2014 e 2019, pude observar a presença de *quiltros* nas mais diversas formas de manifestações (de estudantes, pescadores ou de mulheres), tendo os mais diversos temas (protestos contra regulamentos de pesca, leis educacionais ou o sistema de aposentadoria) e nas mais variadas estações, condições climáticas e horários do dia. Este aspecto da vida coletiva vale um registro à parte, especialmente considerando as manifestações que eclodiram por todo Chile entre outubro de 2019 e março de 2020 (até a eclosão da pandemia). Aqui os cães tiveram amplo protagonismo, valendo o questionamento da exclusividade do gênero humano como único animal político<sup>14</sup>. Este aspecto ganhará destaque mais decisivo na próxima seção. São essas formas de cuidado recíproco, especialmente nas manifestações que proponho como socialismo canihumano (ou lupohumano); talvez uma forma bio ou interbiopolítica que tenha sobrevivido às ditaduras continentais e que talvez tenha sido mais radical do que governos de inspiração socialista, como a *Concertación Chilena*.

Essa situação não implica uma espécie de estado paradisíaco coroado pela figura de um bom selvagem (ou bom doméstico); existem várias controvérsias nessa coexistência, como: 1) conflitos decorrentes de eventos importantes, como desfiles militares ou o Rally Paris-Dakar (o que fazer com cães nas ruas durante eventos oficiais ou provas desportivas?);

<sup>13</sup> Que seria algo como matador de policiais ou carabineiros, também chamados de pacos no Chile. Uma boa fonte em termos de documentários pode ser buscada neste link do Youtube: <https://youtu.be/wiEFhAAWCiw>.

<sup>14</sup> O sentido político desta atividade na relação com as espécies companheiras tem um sentido singular com relação a outras lutas contemporâneas referentes a outras diferenciações no seio da humanidade: raciais, feministas, classistas ou queers. Aqui se trabalha muito mais com composição de mundo que divisões.

2) os esforços disciplinadores de sua vida presentes nos regulamentos públicos (como a Lei Cholito) e, até, no desempenho de grupos ativistas de cuidado responsável (que assumem que todos os cães abandonados pertenceram em algum momento a alguém); 3) na atenção de grupos ecológicos que denunciam a presença de matilhas na caninas nas periferia das cidades e em ambientes selvagens, mesmo os mais ermos. Nestes espaços, as relações antrozoogenéticas baseadas na confiança recíproca perdem força, cedendo a dispositivos conflitivos e controversos, regulados, comumente por esforços disciplinares ou baseados na exclusão.

Foto 3: Imagem obtida em junho de 2020 no sitio web <http://perrocontento.com>



### **Segunda fase da pesquisa: a cidade sublevada e as matilhas-multidões em manifestação**

Entre setembro e outubro de 2019, o preço da passagem do metrô de Santiago subiu para 830 pesos (mais ou menos R\$ 4,20) nos horários de pico, sem que esse aumento fosse acompanhado por um aumento correspondente no salário médio dos trabalhadores da capital chilena. Em resposta aos protestos, o Ministro da Economia do Chile, Andrés Fontaine, sugeriu que os usuários do metrô de Santiago chegassem cedo para aproveitar as tarifas mais baratas. Essa declaração, que lembra o suposto conselho dado por Maria Antonieta na corte de Luís XVI durante a escassez de pão em Paris, serviu de estopim para um dos movimentos políticos mais intensos e talvez mais espetaculares das últimas décadas: em 18 de outubro de 2019 foi iniciado no Chile um dos mais vigorosos levantes coletivos, detonado pelo aumento de passagens de metrô de Santiago, mas que rapidamente se alastrou por todo o país gerando manifestações diárias, confrontos com carabineiros e tomadas de partes nevrálgicas das cidades (como a Praça Itália em Santiago, rebatizada para Praça Dignidade Pós-Ocupação). Este movimento ficou conhecido como *estallido social*.

As áreas centrais de Santiago e de outras cidades foram ocupadas por manifestantes; diversas estações de metrô, bancos e supermercados foram destruídas; houve confrontos diários com os *Carabineros* (polícia), e os muros da cidade serviram de jornal a céu aberto para uma ampla gama de ordens: "Lute como um Mapuche", "Lute como uma mulher", "Lute como um cão". Esta última invocação soava um tanto estranha e intrusiva para um movimento político que geralmente consideramos exclusivamente humano. Esse slogan era acompanhado por muitas imagens de uma figura icônica dos protestos da "Revolução dos Pinguins" de 2011<sup>15</sup>: *Negro Matapacos*<sup>16</sup>, em várias representações, muitas delas adornadas com asas e figuras angelicais. E daí surgiram camisetas, chaveiros, uma editora (*Matapacos*) com guias para os *Black Blocs* (2019)<sup>17</sup> e até mesmo uma estátua substituindo a do General Baquedano, herói da Guerra do Pacífico, na antiga *Plaza Italia*, renomeada *Plaza Dignidad* no contexto do *estallido*.<sup>18</sup>

Foto 4:. Imagem do Negro Matapacos nas paredes do centro cultural Gabriela Mistral.



Nos confrontos diários com os *Carabineros* (polícia chilena), havia cães, alguns deles celebridades em suas cidades — por exemplo, Rucío Capucha em Santiago, *Matapacos* em

<sup>15</sup> Um movimento estudantil composto principalmente por alunos do ensino médio, que se reuniam para diversos protestos contra as políticas educacionais do primeiro governo de Sebastián Piñera (2010-2014).

<sup>16</sup> Este era o cão quiltro que acompanhava os Pinguins nos protestos, assim como em outras manifestações de rua. Existem bons documentários sobre esse cachorro, que faleceu em 2017 (e sobre o qual falaremos mais adiante neste texto) como o produzido pela Universidade Santo Tomás, que pode ser visto no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=wiEFhAAWCiw>.

<sup>17</sup> A explosão de signos vinculados ao Negro Matapacos é praticamente inesgotável. Há igualmente uma Revista de Experimentação estética ([https://issuu.com/revistamatapacos/docs/matapacos\\_ed\\_1\\_abril\\_2020](https://issuu.com/revistamatapacos/docs/matapacos_ed_1_abril_2020)), lançada em 2020: *Matapacos/ Issuu*. Igualmente vale registrar a presença de uma cervejaria em Concepción chamada *Perro Negro*. <https://www.cervezaperronegro.cl/>

<sup>18</sup> Esta ação pode ser vista no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=J3c3Z0UsM5U> A estátua foi queimada por partidários da direita.

Concepción<sup>19</sup> e *Perro Vaquita* em Antofagasta — e, além dessas novas celebridades, havia matilhas estrategicamente posicionadas na linha de frente de cada manifestação. O que podemos pensar dessa relação agonística entre espécies? A questão central aqui a partir destes eventos é se indagar se seres não humanos, como cães, são capazes de ação política, ou se tais ações são domínio exclusivo dos humanos. Caso a resposta seja afirmativa, as questões subsequentes seriam: (1) como surgiu essa conexão?; (2) o que significa lutar como um cão?; e (3) quais foram as consequências dessa interação interespecífica para a composição da vida coletiva no Chile? Para tentar responder a estas questões, utilizei material etnográfico coletado durante o *estallido social*. Esse material foi complementado por vídeos e fotografias compartilhados por amiga/os e colegas pesquisadores<sup>20</sup>, bem como por documentários e reportagens disponíveis online e em mídias sociais, e até mesmo por estudos comparativos com outras regiões do mundo com grandes populações de cães de rua, como Argentina, Brasil e Grécia.

Foto 6: Rucio Capucha em ação. Obtido em janeiro de 2026 no site <https://cnttl.org.br/noticia>.



A primeira questão, sem dúvida, é um tema para um trabalho histórico mais abrangente, que deixarei para futuros desdobramentos. A segunda questão levantada, "O que significa lutar como um cão?", encontra um obstáculo real na ciência política contemporânea.

---

<sup>19</sup> Matapacos de Concepción ou Pepe ainda se encontra vivo apesar do atentado a faca sofrido em 17/12/ 2019 (<https://www.biobiochile.cl/noticias/nacional/region-del-bio-bio/2019/12/17/apunalan-al-pepe-el-perro-emblema-de-las-protetas-en-concepcion.shtml>). Assim como as demais novas celebridades Rucío e Vaquita, tem uma vida regular e bem cuidada em sua cidade, Concepción.

<sup>20</sup> Agradeço especialmente a Jimena Carrasco, Marcela Apablaza, Macarena Lamas, Hortensia Morales, Patrício Torres e Vladimir Montero Troncoso.

Esse obstáculo decorre tanto da ênfase histórica na centralidade do aspecto humano no conceito de política, quanto da ideia representacional ou contratualista moderna, que concebe a política como uma espécie de contrato (respaldado em supostos gestos ancestrais) para alcançar um estado de paz permanente. Em relação à primeira, o debate contemporâneo em diversas disciplinas que abordaram essa questão revela diferentes abordagens, ampliando seus horizontes para além do humano. Nesse sentido, o trabalho de Donna Haraway (2007) sobre espécies companheiras é notável, pois, como visto, abre espaço a conceitos como graus de liberdade, responsabilidade, respeito e alteridade significativa, centrais para a compreensão das relações políticas interspecíficas. Quanto à segunda, ao longo do século XX houve um esforço para distanciar a política da imagem contratualista, definindo-a como uma prática agonística. Aqui encontramos a contribuição de Michel Foucault (1982, 1992), que define a política como a continuação da guerra por outros meios, invertendo a máxima do militar prussiano Carl von Clausewitz<sup>21</sup>.

Considerando o contexto do *estallido social*, a síntese dessas duas alternativas pode ser fundamental para ampliar a compreensão do político, possibilitando o interesse por outras práticas, distintas da política tradicional. Isso se torna ainda mais evidente tanto dada a forte presença de cães nas manifestações, quanto por uma constante comprovada pela grande quantidade de imagens que circularam neste período, estabelecendo estes cães como símbolos — por exemplo, *Negro Matapacos* ou *San Negro Matapacos*. Contudo, a tese aqui defendida é que a participação política dos cães não pode se limitar a um mero apelo simbólico, típico de uma analogia. Em vídeos e imagens de manifestações nas principais cidades do Chile, observa-se a presença de inúmeros cães, muitos dos quais se tornaram celebridades, como mencionado anteriormente. Nas diversas manifestações, encontramos verdadeiras matilhas; os cães — sejam celebridades ou completos desconhecidos — não ocupam posições aleatórias, mas estratégicas, como à frente da formação manifestante. Sua presença física, mais do que meros símbolos, forma um corpo político contíguo e entremeado com os manifestantes humanos.

Foto 8. Matilha de cães em uma manifestação em Santiago. Obtida em janeiro de 2023 em <https://www.semana.com/perros-callejeros-otros-manifestantes-chile/350422-3/>

---

<sup>21</sup> Nesse aspecto, podemos perguntar em que sentido a política chilena acompanhou essa guerra intercultural, intergênero e interspecies que foi o *estallido social*. Essa seria minha terceira questão, que abordarei na próxima seção.



Claramente, os cães desconheciam as reivindicações ou as questões políticas em pauta; eles seguramente “não teriam consciência” dessas formas de representação política. Apesar disso, desenvolveram-se formas poderosas de engajamento político entre os participantes humanos e quiltros, baseadas na confiança e na solidariedade, e sustentadas por um intenso cuidado mútuo. Esse cuidado foi praticado não apenas por meio das posições estratégicas adotadas pelos cães durante as manifestações — protegendo seus companheiros humanos durante as investidas policiais —, mas também em situações em que humanos auxiliaram cães feridos em confrontos (situação bastante registrada). Um vídeo que viralizou nas redes sociais mostra Pablito, o cão, sendo atropelado por uma viatura policial em Valparaíso, em 2019. Imediatamente após o acidente, cerca de 50 pessoas podem ser vistas prontas para ajudar. Outro caso muito interessante surgiu como uma anedota sobre *o perro* Vaquita, de Antofagasta, ferido em uma manifestação. Seus companheiros humanos não conseguiam levá-la ao veterinário até que alguém teve a ideia de criar uma manifestação falsa que atraiu Vaquita e o conduziu à clínica veterinária<sup>22</sup>.

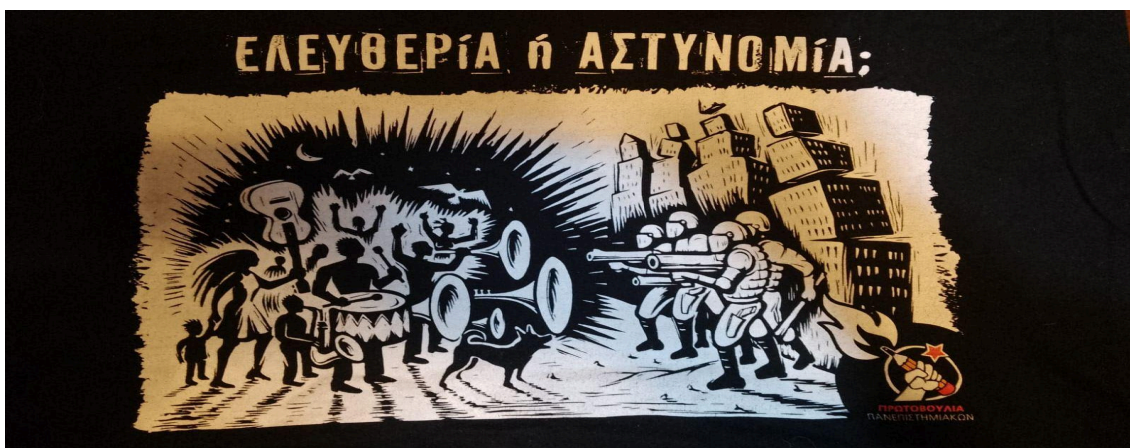
No âmbito desta pesquisa, foram documentadas experiências em outros países, como Brasil, Argentina e Grécia. Nas grandes cidades brasileiras, a presença de cães de rua não é significativa. Contudo, alguns ainda existem em cidades de médio porte, como São João del Rei e Tiradentes, bem como em muitas favelas urbanas, onde os cães frequentemente reagem a batidas policiais. Em 2021, houve inúmeras manifestações de protesto contra as políticas sanitárias do governo Bolsonaro, mas só foi possível registrar a presença de animais de estimação acompanhados por humanos. O caso grego é ainda mais interessante, levando em conta a história do cão *Lukanikos* (Salsicha em português), o grande número de cães de rua

---

<sup>22</sup> Perro Vaquita se contra em bom estado, aposentado de suas atividades militantes: <https://www.timeline.cl/nunca-mas-volvera-a-la-calle-vaquita-requiere-de-medicacion-de-por-vida-y-se-recupera-en-un-hogar/>. Uma boa referência para esta história da falsa marcha pode ser encontrada em <https://www.diarioantofagasta.cl/regional/antofagasta/119350/que-fue-durante-la-pandemia-de-el-vaquita-el-famoso-perro-simbolo-de-las-protestas-en-antofagasta/>

em cidades como Atenas e Tessalônica, e as numerosas manifestações estudantis contra a perda da autonomia universitária, que aparentemente se assemelhavam ao caso chileno. Contudo, durante uma estadia na Grécia em 2022 e com a ajuda de colaboradores<sup>23</sup>, observou-se que a presença de cães de rua não ocorre em manifestações, no máximo animais de estimação acompanham seus companheiros humanos. Também foi possível observar na Grécia a presença de imagens de cães ligadas a movimentos, como a obra do artista de Tessalônica, Nickolas Charistos, contra as ações das forças policiais especiais nas universidades gregas. Aqui, especificamente, temos uma apropriação política mais simbólica dos cães. Portanto, o fato de cães e humanos coexistirem em uma determinada cena não é garantia suficiente para falarmos de uma associação interespecífica (Haraway, 2007); esse modo de conexão é excepcional ou, pelo menos, infrequente. Essas experiências nos ajudam a contrastar o caráter singular da experiência chilena em que, por um lado, a presença viva de cães no tecido urbano explica uma sociabilidade interespecífica preexistente ao conflito, e, por outro lado, sua vinculação às lutas no âmbito do *estallido* de 2019, constituindo um modo peculiar e raro de relações interespecíficas, apontando para mundos possíveis inesperados.

Foto 10. Obra do artista Erick Drooker de Tessalônica. Foto de autoria própria.



### **Uma terceira fase? Um *estallido* interespecies na contramão da macropolítica**

Considerando a curta duração do *estallido*, devido às medidas restritivas da pandemia, implementadas a partir de março de 2020, e considerando a terceira questão (quais foram as consequências desse encontro interespecífico para a composição da vida coletiva no Chile?), é possível apontar aspectos de uma terceira fase de pesquisa pós-*estallido*. É bastante claro que, com a interrupção do *estallido* pela pandemia de Covid-19, houve uma mudança radical na

<sup>23</sup> Agradeço especialmente a Athanasios Marvakis

política de representação humana no Chile. Mesmo com a eleição de um presidente de uma coalizão de esquerda (Gabriel Boric<sup>24</sup>) e um primeiro plebiscito favorável à mudança constitucional, a rejeição dos dois projetos constitucionais e, especialmente, a proposta do segundo projeto constitucional mais conservador, além da recente eleição de José António Kast, apontam para uma forte guinada à direita na política chilena. Como essa mudança na política humana altera os sinais da política interespecífica? Nesse sentido, pode-se afirmar que, com exceção do breve período do *estallido* social, essa política interespecífica não teve maior impacto na macropolítica chilena. Pelo contrário, o que se observa é um distanciamento e até mesmo uma rejeição por parte de figuras que haviam se destacado nacionalmente durante o próprio *estallido*, como o presidente Boric<sup>25</sup>. Podemos avaliar essa relação de modo mais preciso como a produção de virtualidade política dentro da macropolítica humana.

Foto11. Café Palace depois dos protestos de 2023 Foto de autoria própria.



No entanto, é possível inverter essa pergunta e questionar se essa mudança na política humana alterou os sinais da política interespecífica revelados na época do *estallido*? Aqui é necessário destacar algo interessante: mesmo na guinada à direita da política chilena é possível encontrar figuras semelhantes às do *estallido social* nas relações interespecíficas. A hipótese sugerida é que, se há uma guinada na política representativa humana em direção a

<sup>24</sup> Sem dúvida, a proposta de Boric de considerar seu cachorro de estimação Brownie como o "primeiro cão da república" é digna de nota.

<sup>25</sup> O caso é interessante porque envolve alegações de que um adesivo do Negro Matapacos foi encontrado no laptop de Boric, o que ele nega veementemente. Outro caso interessante foi a tentativa, durante o período eleitoral, de desvalorizar a candidata Jeannette Jara, da *coalición oficialista*, devido à sua ligação à imagem de Matapacos.

Ver <https://www.fastcheck.cl/2024/10/20/el-simbolo-olvidado-el-perro-negro-matapacos/> #google\_vignette

formas de direita, há uma manutenção do radicalismo nas relações políticas interspecíficas. O que se insinua é que, se houve uma mudança na política humana representativa em direção a formas da direita, houve uma manutenção do radicalismo nas relações políticas interspecíficas. Dois casos estão sendo examinados: 1) O movimento popular contra o Café Palace em Valdivia, cujos proprietários foram responsabilizados por matar dois cães comunitários (*Caballita e Viejito*) em 2022<sup>26</sup>; 2) O movimento estudantil na *Universidad Alba* em La Serena em 2023, protestando contra o abate de dois cães comunitários (*Negrito e Llorón*), utilizados em uma aula de veterinária<sup>27</sup>. Em ambos os casos, é possível observar o retorno de figuras políticas radicais, como existiam na época do *estallido social*: protestos intensos, depredações e uso de muros para protestos e palavras de ordem<sup>28</sup>. No entanto, essas pesquisas ainda estão em andamento. De todo modo, podemos nos perguntar se as relações interspecies entre humanos e cães seguem e performam sentidos políticos distintos (um persistente socialismo aguerrido) daquele das relações políticas intrahumanas no Chile (inapelavelmente oscilando entre esquerda e direita). Podemos nos perguntar igualmente se estes sentidos políticos interspecies não funcionariam como uma reserva de sentidos na política humana. Mesmo mantendo todas as perguntas, podemos afirmar dois excepcionalismos em terras chilenas: A presença dos *quiltros* nos movimentos coletivos humanos e as figuras do *estallido* nas relações antropozogênicas entre humanos e cães comunitários.

Foto 12. Animitas de Negrito e Llorón . Foto de autoria própria.



<sup>26</sup> Elementos para a informação sobre este caso podem ser encontrados em <https://www.diariodeosorno.cl/noticia/actualidad/2023/11/investigacion-destruccion-de-cafe-valdiviano-vinculado-a-desaparicion-de-perros-comunitarios>.

<sup>27</sup> Elementos para a informação sobre este caso podem ser encontrados em <https://lacolinadigital.cl/2023/11/17/caso-universidad-del-alba-el-debate-emergente-sobre-el-especismo-en-chile/>

<sup>28</sup> A expressão “Hablan los muros” que dá título a um livro de Otárola (2020) descreve bem esta prática.

### **Concluindo em manifesto**

Considerando a entrada deste texto pela seara da política, gostaria de traçar algumas palavras que conectem este texto à seção de *Atualizações da Genealogia*. No trabalho de um pensador não devemos esperar a discussão de todos os temas possíveis; cada qual tem suas questões, temas e ferramentas conceituais vinculadas a seu tempo presente e a escolhas singulares. Sem dúvida a referência por parte de Foucault e seus colaboradores iniciais aos viventes não humanos é bastante rara nos seus ditos e escritos. Mckintosh (1978) assim se pronuncia de modo sintético sobre o tema:

Em uma de suas poucas referências diretas a animais não humanos, Foucault especula que o Panóptico possa ter sido inspirado pela coleção octogonal de animais de Le Vaux em Versalhes. “O Panóptico”, diz Foucault, “é uma coleção real de animais; o animal é substituído pelo homem”. Essa formulação reveladora sugere que o poder disciplinar deve ser considerado meramente como a aplicação de uma tecnologia humano-animal existente às relações intra-humanas. Os animais, subentende-se, não são incidentais nesse processo, eles vêm em primeiro lugar; eles são o laboratório no qual se desenvolve uma nova forma de poder. Notavelmente, Foucault nunca dá continuidade a essa observação surpreendente; sua história dos corpos e das almas permanece resolutamente antropocêntrica (Mckintosh, 1978, p. 163-164).

Mesmo havendo uma quase absoluta ausência temática do tema dos animais na genealogia de Foucault e colaboradores, gostaria de situar a discussão desse trabalho dentro do conjunto analítico das relações de poder, na busca de pensar a política dentro de um quadro para além da sua concepção representativa, contratual e calcada na lei. Esta tem sido uma forma extremamente interessante fértil e heurística de repensar a política para além dos seus quadros tradicionais. Pensar o poder como uma ação entre corpos ou entre corpos em ação, tendo um caráter performativo de nossos atributos e em constante composição com as formas de resistência, tal como é possível dentro de um marco genealógico, coincide plenamente com o que é possível descrever nos modos políticos interespecies. No entanto essa experimentação analítica encontrou um limite na sua delimitação como propriedade humana; poderíamos dizer demasiado humana nas palavras de Nietzsche (2000).

A proposta dessa renovação da genealogia da qual esse artigo faz parte é a de imaginar que essa ampliação da política como ação coletiva entre corpos transcende a própria excepcionalidade humana. A proposta aqui é a de nos atentarmos para as formas políticas apresentadas por outros viventes, ampliando ainda mais o espectro da política humana e abrimos formas de resistência e de problematização desta, além de virtualizar algumas possibilidades de vida coletiva. Esse artigo se alinha dentro desta possibilidade de uma genealogia ampliada, entendendo que o que é possível encontrar esta indicação em trabalhos

como os apresentados por Despret (2002, 2004, 2006 e 2017), Haraway (2007) e Soriano et ali (2023) dentre outras tantas autorias. Entendo que esta produção de mundo interspecies entre *quiltros* e humanos nas cidades chilenas é algo de interessante para se forçar a pensar a política em um sentido mais amplo trazendo as marcas de uma batalha aberta (Foucault, 1982, 1992) e pensando-a mais num sentido comunal.

Por fim, gostaria de concluir este texto em clima de manifesto. Manifesto, primeiro pelas metodologias *quiltros*: em sua indisciplina e na problematização das relações políticas entre pessoas pesquisadores e pesquisadas. Questionando igualmente as divisões de nossa modernidade ocidental, a partir de nossa periferia *quiltro*: sujeito e objeto; homem e animal; norte e sul. Buscando a produção de formas de conhecimento inovadoras e interessantes. Mas também se manifestando por outras formas de relacionamento interspecies com repercussões políticas...

Não é possível prever se essa configuração interspecies urbana ganhará mais contornos oficiais, se os cães, por exemplo, roubarão o espaço do huemul (uma espécie de cervídeo austral) ou do condor em marcas de poder, como o escudo chileno, seja pela razão ou pela força (como lema deste emblema). Mas é necessário inventar a bandeira de um novo socialismo pós-humano. Um socialismo que não é internacional, mas interspecies, ou melhor, antropozoogenético (Despret, 2005). Por fim, carecemos de um manifesto quiltro-socialista na forma de um manifesto antropofágico (Andrade, 1990/1928) ou ciborgue (Haraway, 1985/2009) que nos convoque.

Foto 12: Escudo chileno.



Espécies companheiras de todo o mundo: Uni-vos!

Pela confiança e pelo cuidado interespecies!

Pelo malentendido como modo de produção de sentido e pelas boas perguntas como formas instigantes de produção de conhecimento.

Que os conceitos produzidos ajam como pulgas, permitindo-nos fazer coçar nossos lugares comuns!

Em busca de um mundo menos ordinário e ordenado por tantas divisões ontológicas.

Sem sujeito-objeto, humano-animal, pessoa-coisa, civilizado-primitivo, método-intuição, norte-sul

E que o humano possa favorecer o mais que canino no cachorro e os quiltros possam produzir o mais que humano no humano.

Retiremos de cena o "*homo homini lupus*" de Hobbes e Plautus e que venha o "*lúpus homo homini cani*".

Sem a vida menor das mesquinhas empreendedoristas ou neoliberais. Que o valor comum nos amarre menos pelo dinheiro não, mas pela beleza pura e gratuita da confiança.

Pela preguiça como sentido compartilhado da vida em formas mais gratuitas de cuidado!

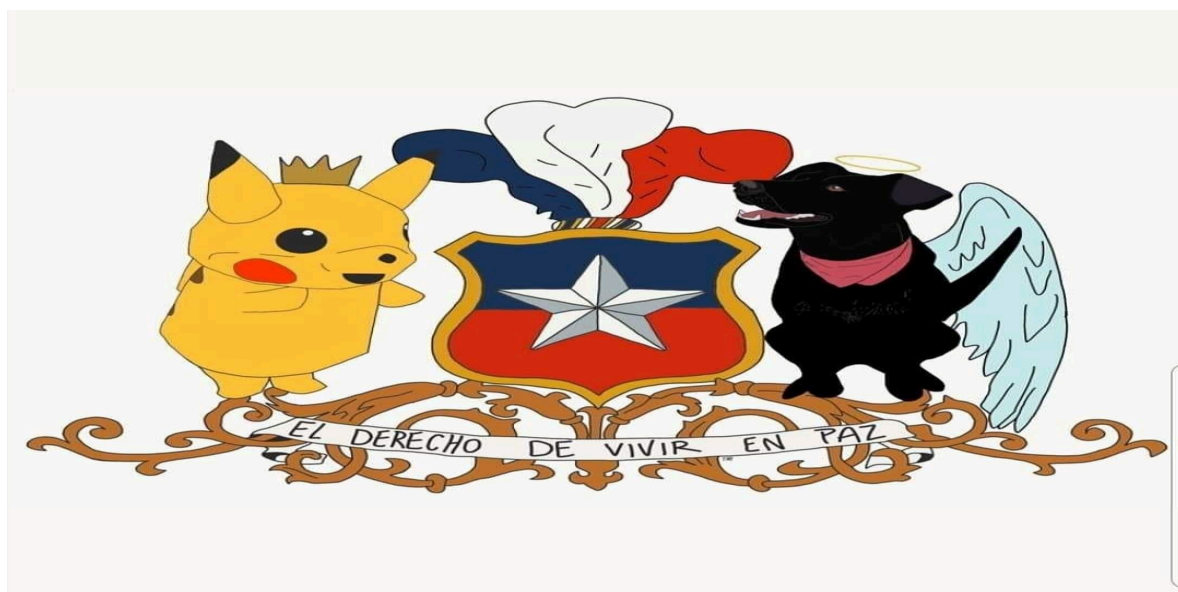
Não nos preparando para utopias messiânicas ou para um retorno às origens do paraíso.

Mas por um dia em que o lobo e o cachorro durmam com o cordeiro e o humano.

De preferência sem chips, ou qualquer forma de individualização monitorada.

Apenas a celebração em nome unificado dos feitos na vida comum.

Figura 13: Escudo proposto pelos manifestantes do Estallido Social



## Referências bibliográficas

- ANDRADE, O. de. **O Manifesto Antropofágico**. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990 (publicado em 1928), p. 67-74.
- ARENDDT, H. **La condición humana**. Barcelona: Paidós, 1993.
- ARISTÓTELES.. **La Política**. Barcelona: Editorial Iberia, 1954.
- BAUDELAIRE, C. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism**. Nova York: Verso, 1997.
- BEVILAQUA, C. & VELDEN, F. **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba/São Carlos: Editora UFPR/Edufscar, 2016.
- BLACKBLOCK. **Manual del Encapuchado**. Santiago: Matapaco Ediciones, 2019.
- BYRNE, D. David Byrne cuenta em primera persona su passo por Chile. **Clinic on Line**. 03 de agosto de 2011. Recuperado em 01/02/2018 (<http://www.theclinic.cl/wp-content/uploads/2011/08/David-.01.jpg>).
- CAIAFA, J. **A escrita etnográfica**. In: Aventuras das cidades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- DESPRET, Vinciane. **Quand le loup habitera avec l'agneu**. Paris: Synthelabo, L'empêcheurs de penser en ronde, 2002.
- DESPRET, V. **The Body we care for: Figures of Anthro-zoo-genesis**. In: *Body & Society* .Vol. 10(2-3), p. 111-134, 2004.
- DESPRET, V. **Anthropo-éthologie des non-humains politiques**. *Social Science Information*, Vol. 45 (2), 2006, pp. 209-226.
- DESPRET, V. **¿Que dirían los animales si pusiéramos buenas cuestiones?** Buenos Aires: Cactus, 2017.
- DESPRET, V. e GUTWIRTH, S. **L'affaire Harry: Petite scientfiction**. In: *Terrain: Anthropologie et Sciences Humaines* 52, 2009. pp. 142-151. Acessado em 06/01/2019 (<https://journals.openedition.org/terrain/13628>).
- EIBL-EIBESFELDT, I. **El hombre preprogramado**. Madrid: Alianza, 1979.
- GOLDMAN, Marcio **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia* vol.46 (2), 2003. pp. 445-476.
- HARAWAY, D. **Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial**. *Feminist Studies*, Vol. 14, No. 3, 1988. pp. 575-599.
- HARAWAY, D. **When the species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.
- HARAWAY, D. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica, 2009
- FOUCAULT, M. **La genealogía del racismo curso en el Collège de France (1975-1976)**. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1992.
- FOUCAULT, M. **Nietzsche, a genealogia, a história**. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- INGOLD, T. **The perception of environment: essays on livelihood dwelling and skill**. Londres: Routledge, 2000.
- KNIGHT, J. **Animals in person: cultural perspectives in human-animal intimacies**. Nova York/Oxford: Berg, 2005.

- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. **Des sujets recalcitrants**. In: *Recherche*, 301, 1997.
- LATOUR, B. **How to talk about the body**. *Body & Society*. Vol. 10 (2–3), 2004. pp.205-229.
- LATOUR, B. **Reensamblar lo social**. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- MINISTERIO DE SALUD. LEY 21020. **Sobre tenencia responsable de mascotas y animales de compañía**./ Chile (2017). Acessado em <https://www.bcn.cl/leychile/navegar?idNorma=1106037> em 18 de dezembro de 2025.
- LORENZ, K.. **Part and parcel in animal and human societies**. In: LORENZ, K, *Studies in animal and human behaviour*, Vol. II. Cambridge: Harvard University Press, 1971 (publicado em 1950), pp. 115-195.
- MATURANA, H. & VARELA, F. **A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano**. Campinas: Ed. Palas Athena, 1995.
- MCKINTOSH, A. **Foucault's menagerie: cock fighting, bear baiting and the genealogy of human-animal power**. In: CHRULEW, M. & WADIWEL, J. C. *Foucault and the animals*. Leiden & Boston: Brill, 2017, pp 161-189.
- MOL, A. **The body multiple: Ontology in medical practice**. Durham: Duke University Press, 2002.
- MORAES, M. **Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver**. In: *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 6(2), 2011. pp. 47-55.
- MORAES, M. **Do “PesquisarCOM” ou de tecer e destecer fronteiras**. Em: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (Orgs.). *Cartas para pensar Políticas de Pesquisa em Psicologia*. 1ªed. Vitória: EDUFES, 2014, pp. 131-137.
- NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- OTÁROLA, R. M. **Hablan los muros**. Santiago: LOM, 2020.
- SORIANO, R. G., CORREA, G. FERREIRA, A. L. **Vacas, simios y perros: reflexiones desde las relaciones interespecies acerca de la producción de lo humano**. *Tekoporá. Latin América Review of Environmental Humanities and Territorial Studies*. Volume (1), 2023, pp. 39-65.
- THOMPSON, E. P. **The passions of animals**. Londres, Inglaterra: Chapman and Hall, 1851.
- TINBERGEN, N. **Estudio del Instinto**. México: Siglo Vienteuno, 1972 (publicado originalmente em 1951).

Arthur Arruda Leal Ferreira  
Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
E-mail: [arleal1965@gmail.com](mailto:arleal1965@gmail.com)